

TALES FARIA

Jornalista e comentarista de política

Flávio defende livre comércio com EUA

O pré-candidato do PL a presidente da República, senador Flávio Bolsonaro (RJ), anunciou nesta quarta-feira, 08, nos EUA, que pretende propor ao governo de Donald Trump a adoção de uma área de livre comércio do Brasil com os países da América do Norte. Em live divulgada no seu canal do Youtube, ele afirmou:

“Uma coisa que eu quero adiantar a todos vocês aqui é que, nessas conversas que eu te-rei agora, eu vou informar que pretendo juntar minha parte técnica do novo governo do Brasil para falar o seguinte: não tinha o Nafta (North American Free Trade Agreement)? É um acordo de livre comércio da América do Norte. A sigla mudou, mas continua sendo, na essência, o mesmo Nafta, área de livre comércio entre Estados Unidos, México e Canadá. Eles apenas evoluíram em alguns setores, incluindo, por exemplo, a questão da propriedade intelectual, que é uma das acusações que estão sendo feitas contra o Brasil nessa imposição das tarifas de 25%. Qual a minha ideia? Em vez do antigo Nafta, a gente pode cortar essa letrinha “N” e fazer o Afta, o acordo de livre comércio das Américas, onde o Brasil pode se incluir.”

Segundo Flávio acredita, as economias dos Estados Unidos e do Brasil são complementares e seria “uma avenida imensa de oportunidades” para trazer investimentos dos norte-americanos. “Então por que a gente não cria essa zona de livre comércio direto com esses três países – México, Estados Unidos e Canadá –, com o Brasil puxando a fila?”

Flávio Bolsonaro lembrou que o presidente da Argentina, Javier Milei, já fechou

um acordo com os Estados Unidos que tem centenas de produtos com tarifa zero no comércio entre os dois países. Ele esqueceu, no entanto, o quanto esse acordo está sendo criticado na Argentina.

No Brasil, a proposta soaria como uma bomba sobre a elite empresarial. Tão grande quanto foi a Alca (Área de Livre Comércio das Américas), no final da década de 1990 e início dos anos 2000. A Alca foi proposta pelos Estados Unidos em 1994 sob forte oposição, por exemplo, da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp).

A entidade temia de que a indústria nacional fosse “levada de roldão” devido à entrada massiva de produtos norte-americanos. Produziu um estudo mostrando que quase metade das exportações brasileiras para a América do Norte não se beneficiaria da zeragem de tarifas. Obrigou o então presidente, Fernando Henrique Cardoso (PSDB), a montar uma verdadeira força-tarefa diplomática para fugir das pressões do colega dos EUA, Bill Clinton.

Ao reapresentar a ideia, Flávio Bolsonaro estará soltando uma bomba no meio empresarial brasileiro quase tão grande quanto o tarifaço.

O PT já está festejando. Vice-líder do partido na Câmara, o deputado Lindebergh Farias (RJ) postou no Twitter: “A indústria brasileira seria massacrada, empregos seriam destruídos e o país perderia instrumentos fundamentais para proteger sua economia, sua produção nacional e sua integração com a América do Sul. Flávio não defende o Brasil. É um entreguista que defende os interesses de [Donald] Trump, dos EUA e de quem quer um país fraco, dependente e subordinado. É um projeto colonial contra a economia brasileira.”

ARISTÓTELES DRUMMOND

Jornalista

O sucesso à revelia de Ricardo Couto

A política e a vida pública têm tradição de surpresas, imprevistos para o bem ou para o mal. Muitos episódios ao longo da história são difíceis de explicar, como os fenômenos políticos eleitorais e os erros fatais de grandes nomes.

O Rio de Janeiro está vivendo um momento atípico e interessante para ser comentado. Uma série lamentável de equívocos levou a política local a um quadro lamentável pela abundância de malfeitos, falta de nível, de dignidade e, sobretudo, de eficiência. A crise chegou a um ponto inimaginável, considerando que se trata da região da antiga capital do Império e da República com os melhores quadros da vida pública.

Da redemocratização, em 1945, até a virada do século, tivemos os melhores parlamentares e governantes de todos os tempos. No Executivo, Carlos Lacerda, Negrão de Lima, Faria Lima e Amaral Peixoto são alguns exemplos e, na bancada de senadores, gigantes como Gilberto Marinho, Caiado de Castro, Nelson Carneiro e Darcy Ribeiro. E nas bancadas federais, homens exemplares na dignidade no exercício da vida pública, notáveis como Adauto Lúcio Cardoso, Eurípedes Cardoso de Menezes,

Lygia Lessa Bastos, Prado Kelly, Roberto Campos, Francisco Dornelles e Raimundo Padilha, entre outros.

A atual composição é lamentável, como se verifica no noticiário policial, nas ações da Polícia Federal. Uma sucessão de fatos deixou o cargo de governador vago e a posse, na linha sucessória prevista por lei, foi cair nas mãos de um cidadão acima de qualquer suspeita, o desembargador Ricardo Couto, presidente do Tribunal de Justiça do Estado. E sem buscar aplausos, já é uma referência de qualidade no exercício da função pública. Nem uma voz ousa contestar o que ele vem fazendo.

Em poucas semanas, o magistrado conquistou a admiração e o respeito das forças vivas do Rio e até do país inteiro. Discreto, austero, firme, vem agindo com segurança e sabedoria, atendendo ao mérito e não a indicações políticas no preenchimento de lugares vagos na alta administração. Homem sem ambições pessoais, Couto exerce uma missão a que não tem faltado o aval do Supremo Tribunal Federal.

Este comportamento exemplar, correto, faz do desembargador, sem favor algum, a personalidade mais respeitada e admirada do Estado, acima das polarizações, partidos e lideranças políticas. Um fenômeno em meio a um ambiente tão poluído.

Ricardo Couto conquistou naturalmente o que todo homem público ambiciona e poucos fazem por merecer: admiração, respeito e sucesso.

EDITORIAL

A juventude de hoje e o nebuloso futuro

O recente caso de misoginia ocorrido em um tradicional colégio do Rio de Janeiro ultrapassa os limites de um episódio disciplinar. Ele expõe uma realidade preocupante: a persistência da violência de gênero entre adolescentes e a influência de uma cultura que, cada vez mais, banaliza a intolerância, o desrespeito e a ausência de responsabilidade pelos próprios atos.

As principais vítimas desse tipo de comportamento são as jovens, que podem carregar por muitos anos as consequências da humilhação, da exclusão e da violência psicológica. A escola, espaço que deveria representar segurança, aprendizado e desenvolvimento, transforma-se em ambiente de medo e insegurança quando práticas discriminatórias são toleradas ou minimizadas. Os efeitos não se restringem ao presente. A autoestima, a confiança nas relações sociais e até mesmo os projetos de vida dessas estudantes podem ser profundamente afetados.

Mais preocupante, porém, é perceber que tais comportamentos não surgem espontaneamente. Eles refletem valores difundidos por uma sociedade que frequentemente recompensa a exposição, a agressividade e a busca por notoriedade a qualquer preço. Nas redes sociais, discursos ofensivos recebem milhares de compartilhamentos, enquanto a empatia parece perder espaço para o espetáculo da humilhação. Jovens em formação acabam absorvendo essas referências como se fossem naturais.

Quando adultos relativizam discursos preconceituosos, incentivam a intolerância ou tratam o desrespeito como mera brincadeira, transmitem a ideia de que limites éticos são dispensáveis. A liberdade de expressão, por sua vez, não pode ser confundida com o direito de ofender ou discriminar.

A educação tem papel decisivo nesse cenário. Mais do que ensinar conteúdos, escolas e famílias devem formar cidadãos conscientes de que igualdade, respeito e responsabilidade são pilares da convivência democrática. Atitudes misóginas precisam ser enfrentadas com firmeza, não apenas por meio de sanções disciplinares, mas também por ações educativas capazes de promover reflexão e mudança de comportamento.

Uma sociedade sem regras claras e sem freios morais não produz cidadãos mais livres; produz indivíduos menos responsáveis. O verdadeiro progresso depende da capacidade coletiva de transformar respeito, igualdade e empatia em valores inegociáveis, dentro e fora das escolas. Somente assim será possível oferecer às futuras gerações exemplos mais dignos do que aqueles que, infelizmente, ainda predominam em muitos espaços da vida contemporânea.

OPINIÃO DO LEITOR

Ensino

O maior papel do futebol foi o de ensinar democracia. Foi o de revelar que não se ganha sempre e que o mundo é instável como uma bola.

José Ribamar Pinheiro Filho, Brasília - Distrito Federal

Contribuições por e-mail: endereço@correiodamanha.net.br

Correio da Manhã

FUNDADO EM 15 DE JUNHO DE 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) | Paulo Bittencourt (1929-1963) | Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

www.correiodamanha.com.br

Publisher
CLÁUDIO MAGNAVITA
redacao@correiodamanha.com.br

REDAÇÃO

Afonso Nunes (editor #cm 2) Gabriela Gallo, Ive Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

EDITORIA DE ARTE

Coordenação: José Adilson Nunes (projeto gráfico); Diagramação: Anderson Sá, Ricardo Gomes (projeto gráfico) e Thiago Ladeira - Marcos Lima (Gestor de TI)

TELEFONES

(21) 2042 2955 Whatsapp: (21) 97948-0452 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

RIO DE JANEIRO

Av. João Cabral de Mello Neto
850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP
22775-057

BRASÍLIA

ST SIBSQuadra 2 conjunto B
Lt 10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-20

SÃO PAULO

Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317,
Água Branca - São Paulo-SP, - CEP 05001-200
Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51,
Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal